



O PROFESSOR LEITOR E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Verônica Vitória de Oliveira Silva¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais/PROFLETRAS/veronicavitoria@gmail.com

Resumo: O presente artigo busca, através de questionários direcionados a professores da rede pública de Pará de Minas, investigar se o fato de os professores serem leitores do texto literário exerce influência na leitura dos alunos. Parte-se dos conceitos de Cândido (1998) que defende a literatura como direito do cidadão, e Paulino (2004) que define o letramento literário. Os dados mostram que, na referida cidade, professores parecem ler com frequência, porém eles próprios afirmam não ver reflexo no alunado, isso não significa que a influência não exista, apenas mostra que outros fatores devem ser considerados.

Palavras-chave: Letramento literário, professor, leitura, literatura.

1. Introdução:

Quando se trata de letramento literário, apesar de muitas opiniões e teorias, há uma convergência para um mesmo aspecto: é de responsabilidade do professor proporcionar a formação do leitor. Isso não significa dizer que o docente deva se colocar como único encarregado a desenvolver nos alunos o gosto pela literatura, essa formação deve ser para a vida, para fora da escola, e acontece sob a influência de várias outras pessoas, como os pais, por exemplo, contudo, muitas vezes o único incentivo para o desenvolvimento do hábito de leitura virá unicamente da escola e isso é inquestionável.

O professor, principalmente o de Língua portuguesa, assume essa missão, entretanto não é raro que se veja frustrado em uma sociedade em que grande parte das pessoas sai das escolas sem ter se formado como leitor, o que pode ser confirmado por diversas pesquisas como a desenvolvida pelo instituto Pró Livro, *Retratos da leitura no Brasil*. Em sua 4ª edição, a pesquisa mostra que apenas 56% da população investigada é considerada leitora, o que é um número ainda muito pequeno. (FAILLA, 2016).

A pesquisa só equaciona o que já é discutido há tempos, “o brasileiro lê pouco”, e isso é facilmente observado inclusive nas escolas. Ângela Kleiman, em *Oficina de leitura: teoria e prática*, comenta ““Os meus alunos não gostam de ler” é, sem dúvida, a queixa mais comumente ouvida entre professores. E um dos primeiros comentários a serem feitos quando, ao terminar uma palestra sobre leitura, abre-se a sessão para perguntas ou esclarecimentos.”. (KLEIMAN, 2002, p. 15)

Quais seriam os motivos para tal revés? Muitos são os estudos que buscam por respostas



e, em alguns casos, sugerem alternativas. Um dos fatores apresentados é a falta de formação dos próprios professores como leitores. A partir das discussões recorrentes em relação a um efetivo letramento literário nas escolas de ensino básico pretende-se com este texto explorar a questão da mediação e das práticas de letramento literário dos próprios professores de Língua portuguesa. Colocando em foco a importância de um hábito de leitura por parte dos professores como algo fundamental para o trabalho com texto literário em sala de aula.

2. Fundamentação teórica

A formação de leitores proficientes é, sem dúvida, um dos objetivos dos professores de Língua portuguesa, e, apesar de uma constante necessidade de justificar a leitura de literatura no ensino básico, por não apresentar aspectos pragmáticos claramente definidos, pode-se afirmar que esta seja indispensável para a formação dos alunos, por seu caráter humanizador. Para Cândido, por exemplo, deve ser considerada “uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza.”. (CÂNDIDO, 2011, p.188)

A partir dessa concepção, pode-se pensar que o papel do professor no letramento literário de seus alunos consista em suprir essa necessidade apresentando a ele diversas obras. Contudo, muito mais está envolvido nesse processo de “letrar” em literatura. Nas palavras de Paulino,

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção. (PAULINO, 2004, p. 56).

Torna-se então inegável afirmar que para formar o aluno como leitor literário é imprescindível que o professor seja leitor. Só assim conseguirá exercer seu papel como mediador, praticando muito mais que uma apresentação de livros, mas o compartilhamento de experiências, de escolhas e de estratégias utilizadas no seu próprio envolvimento como os livros. Alguém que não é leitor jamais desempenharia tal tarefa de maneira satisfatória, e, mesmo que tentasse, a falsearia, deixando visível uma tentativa ilusória que, nitidamente não se sustenta.



O profundo compromisso do professor da Educação Básica com a leitura literária é comentado por Petit, de acordo com a pesquisadora “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor” (PETIT, 2008, p. 145). Mais ainda, além desse amor pela leitura, deve-se estar disposto a sempre se atualizar, conhecer diversos autores, inclusive aqueles os quais possam ser de maior agrado dos alunos.

Entretanto, o afastamento entre escola e leitura literária tem atingido também os profissionais da educação que têm lido cada vez menos. Esse panorama pode ser comprovado com dados da citada pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, (FAILLA, 2016) que entrevistou professores pelo país e estes, questionados sobre hábitos e gostos literários, mostraram-se pouco habituados à prática, 37% dos professores responderam que “gostam pouco” ou “não gostam de ler”, mesmo que tenham sido observadas respostas de profissionais de diferentes conteúdos, ainda assim são dados alarmante, tendo em vista que a promoção da leitura não deve ser papel exclusivo do professor de Língua Portuguesa.

Como causas para tal constatação, Ezequiel Theodoro da Silva (1998) aponta as exaustivas jornadas de trabalho, o alto preço dos livros praticado no país e, sobretudo, a formação dos professores:

se o quadro geral de formação de professores nestes últimos tempos pode ser qualificado de fraco, a sua preparação prévia para o encaminhamento da leitura na escola pode ser considerada fraquíssima ou simplesmente nula. (SILVA, 1998, p. 70).

Desse modo, a formação do professor na graduação e a ausência de uma formação continuada tornam-se justificativas para a dificuldade enfrentada na prática docente, levando a crer que se o professor não se formou leitor, por consequência não formará leitores. “Antes de serem professores, eles eram estudantes”, declara Todorov (2009), ao discorrer sobre o assunto.

Tais autores, dentre inúmeros outros que poderiam ser citados, reforçam a necessidade de uma atuação nas universidades para uma melhor formação dos professores como um reflexo positivo na formação dos alunos da educação básica, que se vê seriamente comprometida. Além disso, apontam para a necessidade de uma reformulação da jornada de trabalho dos docentes, aumentando as chances de um tempo reservado para a leitura em sua rotina.

3 Metodologia

A escrita do artigo envolveu a aplicação de questionários direcionados a 12 professores de



Língua portuguesa, todos com formação em Letras e atuação na rede pública de ensino municipal ou estadual na cidade de Pará de Minas-MG. Tais questionários continham perguntas sobre a formação do professor, o tempo disponível para a leitura literária, a carga horária semanal de trabalho, dentre outras questões.

A proposta foi de avaliar se os dados obtidos pela pesquisa nacional *Retratos da leitura no Brasil* eram compatíveis com a realidade pontual de Pará de Minas. Procurou-se uma amostra variada com professores de diferentes faixas etárias, profissionais iniciantes e mais experientes - com mais de 15 anos de carreira-, atuantes nas zonas urbanas e rurais.

Aqui serão discutidas apenas quatro das questões do questionário, escolhidas por serem consideradas de maior relevância para o tema proposto.

4 Análise e interpretação de dados

As perguntas direcionadas aos professores foram baseadas nos mesmos questionamentos realizados pelo Instituto Pró livro. Com relação à prática de leitura literária, os participantes disseram, sem exceção, que gostam de ler. Considerando ainda os parâmetros da pesquisa nacional, pode-se dizer que grande parte dos professores participantes são “leitores”, já que dos 12, 9 afirmaram ter lido de um a dois livros literários nos últimos três meses. Contudo, foram unânimes ao responderem que sim à pergunta: “Gostaria de ter lido mais livros?” e em justificar a pouca leitura pela falta de tempo. Além disso, mesmo se enquadrando na categoria definida pela pesquisa como leitores, aparecem abaixo do nível nacional que é de 5,21 livros.

A terceira questão era dissertativa: “Quais os títulos dos livros lidos por você nos últimos três meses?”. As respostas foram variadas, dentre as obras mencionadas, livros de autoajuda foram os mais citados, livros de Augusto Cury foram citados por 4 professores. A Bíblia sagrada foi mencionada por um dos participantes e 8 deles não citaram nenhum, esse dado pode ser considerado um indicativo de que os professores talvez não tenham lido os livros que afirmaram ler, ou apenas que não se lembravam. A primeira hipótese justifica-se pelo fato de não quererem, talvez, passar uma imagem de mau professor que não lê.

Analisando a formação desses professores, constatou-se que mais da metade deles não participa de cursos de formação continuada, apresentando apenas a licenciatura, convergindo para o que afirmou Silva já em 1994 quando manifestava sua preocupação com a perda da dinamicidade na formação docente.

Hoje, grande parte das minhas preocupações com a escola brasileira fica por conta da capacitação e da formação contínua dos professores primários e secundários. Oprimidos e explorados pelo sistema, grande parcela do



professorado ou nunca desenvolveu ou simplesmente perdeu a capacidade de ler e estudar. [...] Com isto, ou seja, com a criação de ferrugem e mofo na principal corrente de transmissão da cultura (o professor), desaparece ou fica enfraquecida a possibilidade da prática de uma educação crítica - sustentáculo da leitura problematizadora e conscientizadora - a partir da escola. (SILVA, 1994, p. 41)

Mais de vinte anos depois, a situação mostra-se a mesma. Devido a uma contínua desvalorização, a maior parte dos professores não busca renovar seus conhecimentos sobre novas maneiras de trabalhar a leitura em sala, sobre novos livros que possam ser de interesse de seus alunos, e não consegue, por consequência dessa sobrecarga, separar algum tempo que seja para a leitura por prazer.

Outro aspecto comprovado pelo levantamento realizado diz respeito à falta de condições experimentada pelos professores. Todos aqueles que disseram que gostariam de ter realizado mais leituras atuam nos ensinos fundamental e médio, com intensa carga horária semanal de trabalho, muitas vezes tendo que se deslocar para duas ou três escolas no mesmo dia. Sobre isso também observa Silva (1994), para ele,

Os professores foram expropriados das condições objetivas para a produção do ensino formal nas escolas. Assim, ao lado de um salário corroído, têm de conviver com a constante falta de recursos para executar condignamente o seu trabalho. (SILVA, 1994, p.41)

Por último os questionários traziam indagações sobre “Como são as práticas com o texto literário nas suas aulas?”, com exceção de dois professores, os demais concordaram que suas aulas de leitura de literatura costumam reduzir-se à visita dos alunos individualmente à biblioteca e seleção de obras sem mediação, com posterior verificação de leitura através de fichas ou atividades de apresentação dos textos lidos, e em um comentário final, apenas dois participantes confirmaram que a realidade de suas aulas condiz com o que foi relatado na pesquisa do Instituto Pró-livro, de que os jovens estão lendo mais se comparados os dados das edições anteriores da pesquisa. Uma professora chegou a afirmar: “Lendo mais? Eles [alunos] só leem conversa de rede social, não se interessam por livros, por mais que a gente tente incentivar, eles acham chato, cansativo, tedioso.”.

A partir dos dados analisados pode-se afirmar que a constatação da pesquisa é a de que, por condições adversas, os professores, que deveriam ser os primeiros a praticar a leitura para que sua experiência servisse como espelho para seus discentes, em muitos casos não conseguem manter o hábito e a frequência da leitura por prazer. Apesar disso, pôde-se constatar que há, sim, um interesse por parte dos professores os quais gostariam de se dedicar mais à leitura e mesmo com vários empecilhos, não abandonaram a leitura de



literatura. Por outro lado, não conseguem efetivamente transferir para o aluno esse gosto.

5 Considerações finais

A discussão em torno da formação do aluno como leitor literário traz à tona a necessidade de uma mediação por parte do professor. As pesquisas, entretanto, vêm mostrando que essa mediação tem falhado drasticamente visto que os alunos continuam saindo da escola sem ter desenvolvido completamente suas habilidades de leitura e, por consequência, sem desenvolver o hábito de leitores, fato confirmado pelos próprios professores.

Os estudos relacionados vêm mostrando que existe uma necessidade de investimento maior no professor, para que este primeiramente possa ser considerado leitor e praticante da leitura literária, só aí poderá, de fato, demonstrar segurança ao abordar textos literários com seus alunos, pois estará tratando de algo experimentado e vivenciado por ele, o que, imagina-se que possa influenciar positivamente os alunos e fazê-los se interessar mais.

Tudo isso tendo em vista que, na prática de sala de aula, os docentes presenciam os alunos cada vez mais considerando momentos de leitura chatos e sem importância, e, mesmo que algumas pesquisas mostrem que o jovem de hoje tem lido mais, isso não é tão visível no cotidiano escolar. A pesquisa aqui realizada mostra que na cidade em que foram aplicados os questionários, o fato de os professores serem leitores ou não, possivelmente não é o principal fator de influência para que os alunos não estejam se tornando leitores, já que os participantes se dizem leitores e ao mesmo tempo atestam que seus alunos não.

Referências

CÂNDIDO, Antônio. **O direito à Literatura**. Vários escritos. 3ª ed. São Paulo: Duas cidades, 1998.

FAILLA, Zoara (Org.) **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PAULINO, Graça. *et al.* **Formação de leitores: a questão dos cânones literários**. Revista Portuguesa de Educação, Braga, v.17, n. 1, p. 47-62, 2004. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/374/37417104.pdf>>. Acesso em: 29 de maio de 2017.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e Leitura: ensaios**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

_____. A formação do professor e do aluno leitor para a construção da cidadania. In: MEC/SEF **Formação de professores e alunos leitores**. Belo Horizonte: Fundação AMAE para a educação e cultura, 1994, p.32 – p.34.